

A última segunda-feira procurei caracterizar o pensamento existencial como aquele que procura decifrar o ser pela análise do corriqueiro. Para estabelecer um contraste, iniciarei as considerações de hoje com a contemplação do mundo majestoso da astronomia. Imaginem pois os senhores o que é esse mundo que nos envolve se formos dar crédito à astronomia. É um processo explosivo que se iniciou há alguns bilhões de anos e que se encerrará daqui a alguns bilhões, (ou trilhões) de anos. Esse processo se desenvolve, em linhas gerais, em obediência à segunda lei da termo-dinâmica, isto é: esgota as suas próprias virtualidades. Em outras palavras: o mundo se expande excentricamente a partir de um centro original, diminui em massa e aumenta em energia. No estágio atual desse processo o mundo consiste de campos eletromagnéticos e gravitacionais que formam por assim dizer rugas na superfície quadridimensional da bolha minkowskiana em expansão ininterrupta. As paredes dessas rugas chamadas "campos" são formadas por linhas semi-imaginárias chamadas "energia", e estas linhas se condensam progressivamente até constituírem aglomerações no fundo das rugas; estas aglomerações são chamadas "matéria". A expansão da bolha cósmica torna as rugas progressivamente mais rasas, isto é diminui a matéria e aumenta a energia. As aglomerações de matéria no fundo das rugas individuais que perfazem o mundo são chamadas "nebulosas espirais" ou "galáxias". São portanto pequenas ilhas de matéria que flutuam no nada e fogem rapidamente uma da outra e de um centro. Mas se digo "ilhas de matéria" estou exagerando. São ilhas semi-imaginárias que tem a estrutura de lentes e nas quais ocorrem concentrações de matéria chamadas "astros". Esses astros são globos materiais em rotação em torno do eixo mais curto da ilha. Mas se digo "globos materiais" estou exagerando. São globos semi-imaginários que consistem de núcleos quase materiais de átomos rodeados de energia. Um desses globos numa daquelas ilhas é o nosso sol, e este nosso sol forma uma ruga dentro da ruga da nossa galáxia. Em redor e em função dessa ruga gira uma esfera chamada "nossa terra". E essa nossa terra forma uma ruga em função da qual nós existimos.

O pensamento existencial pergunta: se devo acreditar na astronomia, seria pois este o mundo no qual existo? Mas que maneira excentrica, para não dizer louca, é esta de ver o meu mundo? Aparentemente é esta cosmovisão fruto de humildade, já que desloca o homem para uma posição marginal e desprezível no conjunto chamado "mundo". Mas no fundo trata-se de uma incrível megalomania. O que me dizem essas galáxias e esse processo explosivo todo, que ultrapassa de forma tão grotesca as dimensões que me são apropriadas. São palavras existencialmente vazias os juízos da astronomia, e não me dizem respeito. São destinadas apenas a fazer-me esquecer a minha situação genuína na qual existo. Procuram inserir-me numa situação grandiosa, para minimalizar as preocupações diárias com as quais me debato. No fundo procuram minimalizar, com os inúmeros zeros que acompanham os seus algarismos, os poucos anos que me são dados para realizar-me, e os poucos quilômetros sobre os quais a minha atividade pode impôr-se. Minimalizam, com efeito, o fato da minha morte. No mundo grandioso da astronomia a minha morte não importa, logo não se pense nela. A astronomia, com sua aparente humildade e com sua grandiloquência majestosa é uma tentativa de fazer esquecer-me a minha morte. O que importa a minha morte, (diz ela), se posso conceber um mundo tão grandioso?

Não, o meu mundo autêntico não é este. O meu mundo, isto é a minha circunstância, não consiste de galáxias e de campos gravitacionais, mas do ônibus que devo tomar e da conta que devo pagar no fim do mez seguinte. Se quero decifrar o ser, se que

ro descobrir o que o ser significa, devo me preocupar com os ônibus e com as contas a pagar, e somente depois, se me restar tempo, com as galaxias. As galaxias flutuam no horizonte quase imperceptível e quase desinteressante da situação na qual me encontro. O que interessa e o que me diz respeito imediatamente é aquela multidão de seres que se precipitam sobre mim, e dentro das quais e com as quais devo realizar-me. Uma análise do meu mundo deve partir dessa minha situação existencial da qual sou centro.

"Estou aqui, e este fato é indiscutível. "Estar aqui" é minha maneira de ser, e devo aceitar esse fato como ponto de partida. Como cheguei a estar aqui? Encontro ao meu redor seres que conversam comigo e que procuram me explicar como meu estar aqui se deu. Dizem que nasci numa determinada data, e que meus pais nasceram, e que o meu estar aqui é produto de um longo desenvolvimento chamado por exemplo de "tradição e cultura". Mas, prima, facie, devo admitir que estou aqui sem saber de onde cheguei e ser ter sido consultado. Fui lançado para cá e aqui estou, e as explicações são posteriores. Fui lançado para dentro de uma situação, isto é ao dar conta de mim encontrei-me rodeado de algo. Chamarei provisoriamente este algo de coisas. Com efeito: encontro as coisas no mesmo instante no qual me encontro a mim mesmo. O meu-estar aqui é sempre e desde o início um estar no mundo. Mas as coisas não têm a mesma qualidade de ser que eu tenho. São discutíveis e podem ser duvidadas. O meu estar aqui é um movimento que se choca contra as coisas. As coisas são obstáculos do meu estar aqui e formam uma muralha a meu redor que me asfixia. Posso tomar duas atitudes em face dessa muralha. Posso fechar-me em mim mesmo num gesto de defesa. Ou posso decidir-me a tentar superar essa muralha num gesto de desafio. Analisemos ligeiramente as consequências dessas duas atitudes, simplificando radicalmente.

Se me fecho contra as coisas, viverei sempre angustiado. O trajeto de minha vida será semelhante ao trajeto de uma bola de bilhar. Chocarei-me contra uma coisa, serei por ela repellido em direção de outra, e assim em diante até a minha morte. A minha morte será a última coisa contra a qual me chocarei, mas essa última coisa não me repelirá e nisto se distingue das demais coisas. Em tese a minha vida será totalmente previsível, já que será totalmente condicionada pelas coisas. Serrei inteiramente determinado, não terei liberdade. Nessa minha servidão total não sentirei a preocupação de tomar escolhas ou decisões, nem encararei a morte. Decaírei por assim dizer para a morte de costas. A minha vida será despreocupada, mas nem por isto será mais tolerável. O clima da minha vida será um tédio que me torturará incessantemente. Este tédio será o sinal de que algo está errado com a minha vida. Com efeito: não estarei autenticamente aqui nesse tipo de trajeto. O tédio provará existencialmente que o meu fechar-me contra as coisas é algo como a traição de mim mesmo. Se a minha vida for um cambalear entre escritório, televisão cinema e cama o meu tédio provará que estou traindo a minha autenticidade. Estou sendo gente. Tudo ao meu redor terá o estampo do fazer-se de conta. O meu conversar será um fazer de conta que estou conversando; quando estou batendo um papo. Os meus movimentos serão um fazer de conta que estou em atividade, quando estou apenas obedecendo a impulsos alheios. A minha qualidade de ser não será um autentico estar aqui, mas uma decadência na qual o meu ser se assemelha à forma de ser das coisas que me rodeiam. Não passo com efeito de coisa, de uma coisa chamada "a gente".

Este clima do tédio que envolve a decadência pode estar acompanhando de nojo de si mesmo. A sensação do nojo será sintoma de autenticidade. O nojo revelará para mim que estou me traindo a mim mesmo. Diz este nojo com efeito: basta de comédia, basta de fazer de conta, basta de conversa fiada. "This above all, to thine own self be true" diz este nojo. Pare com este comodismo de se deixar prender pelas coisas pegajosas e nojentas e exista. Supere a situação dentro da qual você foi lançado, projete-se contra ela. Existir, isto é estar aqui, significa também ek-sistir, isto é estar fóra. Liberte-te, isto é abre-te para as coisas. Trata-se de uma decisão existencial para a qual o nojo me provoca. No fundo esta decisão reside num dizer "sim" a mim mesmo, e num dizer "não" as coisas. A decisão é um ato de rebeldia contra o meu próprio fundamento que me lançou para cá para me deixar cair rumo à morte. É numa virada contra a minha decadência que doravante me projeto. Nessa virada o clima da minha vida muda repentinamente. Embora a angústia fundamental que as coisas me causem persista, eu me preocupo doravante com as coisas. Dedicarei a próxima palestra à discussão do termo "projeto" que introduzi no argumento. Hoje proponho discutir o clima de preocupação que caracteriza a existencia em projeto.

Na minha decisão de preocupar-me com as coisas toda a situação na qual me encontro se transforma. As coisas ficam como que paralisadas diante do meu olhar preocupado. Movido pela preocupação estendo as minhas mãos em direção das coisas e ponho-me a apalpá-las. Assim descubro a maneira de ser das coisas, a saber: em t'õ e meu alcance. Eu estou aqui e as coisas estão a meu alcance, e estas são, por enquanto, as duas formas de ser que decifrei na situação na qual me encontro. A minha preocupação decifrou a forma de ser das coisas, a saber o estar ao meu alcance. Apalpo as coisas, isto é apreendo as coisas. Na clara noite da angústia na qual me preocupo as coisas revelem o que são, a saber coisas e não nada. O apalpar, o apreender, é a primeira fase da minha atividade como existencia decidida. Na segunda fase recolho as coisas apreendidas para dentro de mim mesmo. Assimilo as coisas a mim mesmo, faço com que as coisas que estão a meu alcance estejam aqui comigo. Abarco as coisas ~~compre~~ apreendidas, isto é compreendo as coisas. As coisas que por mim foram compreendidas deixaram de estar diante de mim, para determinar o meu trajeto, e passaram a estar aqui comigo. Podem ser doravante manipuladas. Esta será a terceira fase da minha existencia decidida: a manipulação das coisas compreendidas. Ao manipular as coisas imprimo-lhes a minha maneira de ser, transformo portanto a maneira de ser das coisas. As coisas manipuladas deixam de ser coisas, e passam a ser instrumentos. A sua forma de ser não é mais a de estar ao alcance da mão, mas passa ser a de estar à mão, estar em disponibilidade. Os instrumentos são uma forma de ser que atesta a minha existencia e dentro da qual me abrigo. Doravante estou rodeado de duas formas de ser, a saber de coisa e de instrumentos. Consideremos por um instante a situação na qual me encontro agora.

Estou aqui agora, e chamarei esta forma de ser de presente. Comigo estão as coisas compreendidas. São portanto presentes essas coisas. Diante de mim e ao alcance da minha mão estão as coisas a serem apreendidas. Chamarei esta forma de ser de futuro. As coisas ao alcance da minha mão são meu futuro. De certa maneira as coisas determinem o meu futuro, mas pela minha decisão de apreendê-las, compreendê-las e manipula-las estou me libertando das coisas. Atrás de mim estão as coisas manipuladas, disponíveis e ultrapassadas. Chamarei esta forma de ser de

passado. O meu passado consiste de coisas transformadas em instrumentos, isto é ultrapassadas. Pois está é a definição do meu tempo: o meu presente é o meu estar aqui com as coisas compreendidas, o meu futuro são as coisas a serem apreendidas, e o meu passado são os instrumentos como coisas ultrapassadas. Dirija-me na minha preocupação em direção das coisas para libertar-me delas, e deixo por traz o mundo dos instrumentos para que ateste a minha liberdade.

Mas há uma coisa entre as coisas que tem uma qualidade excepcional, a saber a morte. A morte está ao alcance da minha mão como todas as coisas. A morte pode ser apreendida. A morte está portanto no meu futuro. Mas a morte não pode ser nem compreendida nem ultrapassada. A morte é portanto uma espécie de coisa defeituosa. Ela está sempre no meu futuro, ela nunca está presente. Eu não posso fazer com que a morte esteja aqui comigo, portanto a morte não existe. Mas esse caráter defeituoso na qualidade de ser da morte, essa vacuidade que está na morte, reflete sobre a minha própria forma de ser de maneira curiosa. Ao me preocupar com a morte, descubro essa sua vacuidade e descubro, em consequência a mesma vacuidade em mim mesmo. Descubro, com efeito, que estou aqui para a morte. A minha decisão de me preocupar com as coisas inclui a minha preocupação com a morte. É por isto que é uma decisão tão penosa. Se me decido a me preocupar com as coisas, decido-me, com efeito, para a morte. Todo instante da minha preocupação com as coisas será como que invadido pela minha decisão para a morte. Nessa minha decisão para a morte, nessa minha abertura para aquilo que não pode ser nem compreendido nem ultrapassado pela minha existência, torno-me eu mesmo um ser defeituoso. Sou um ser invadido pelo nada.

Esta vacuidade que está em mim torna no fundo possível que eu exista. Se existir significa estar fora, é graças a esta vacuidade em mim que estou fora. Esta vacuidade abre para mim, por assim dizer, o espaço dentro do qual posso me levar sobre a minha situação para apreender, compreender, e manipular coisas. A minha vacuidade, a minha invasão pelo nada, o meu estar para a morte, é o aspecto do meu estar aqui que me liberta. Uma existência decadente é determinada pelas coisas justamente por não estar decidida para a morte. Uma existência decadente está cheia de si, e nesta sua plenitude não pode ultrapassar a situação e decai rumo a morte. É por isto que a existência cheia de si é nojenta. Em última análise é a decisão para a morte o sintoma decisivo da autenticidade. E a preocupação fundamental da existência decidida é a preocupação com a morte.

Tendo decifrado a minha forma de ser até este ponto, surge a pergunta: porque não me mato? Posso matar-me perfeitamente, já que a morte está sempre ao meu alcance, e já que neste fato reside a minha liberdade. A nossa análise ontológica demonstrou, afinal, que a minha liberdade reside justamente na possibilidade de me matar a todo instante. A pergunta: porque não me mato? constitui portanto a rigor a primeira pergunta da filosofia. Todas as demais discussões filosóficas, ou vem depois, ou são um bate-papo destinado a minimizar essa pergunta primeira. Como os senhores vêm, a análise do ser forçou os pensadores existenciais para um beco incômodo, (para não dizer sem saída). É um apelo impiedoso para a sua tão glorificada autenticidade. As respostas que dão a essa pergunta principal são múltiplas e complexas, e contrastam assim com a limpidez e honestidade dos argumentos precedentes. Com efeito, no instante de encarar a primeira pergunta, os pensadores existenciais recorrem a uma espécie de teologia, embora a uma teologia que desconhece, geralmente, Deus. Teremos oportunidade, no presen

te curso, algumas das respostas. Creio, no entanto, que posso deixar claro já neste ponto de argumento, que há uma qualidade desesperadamente diabólica no pensamento existencial, e que esse caráter diabólico está relacionada com aquele pseudoconceito do nada com o qual os pensadores existenciais operam.

Tendo transferido a consideração da primeira pergunta para futuras oportunidades e tendo talvez demonstrado com isto a minha falta de decisão para a morte, isto é a minha inautenticidade, Volto para a análise da situação da qual trata o meu argumento. Decifrei, até agora, tres formas de ser, a saber: o meu estar aqui para a morte, o estar ao alcance da minha mão das coisas, e o estar em minha disponibilidade dos instrumentos. Mas essa análise não é completa. Há coisas em meu redor que posso apreender, compreender e manipular como todas as demais coisas, mas que têm uma qualidade de ser a mais, a saber posso reconhecer-me nessas coisas. Se posso englobar as tres atividades do apreender, compreender e manipular no único termo "conhecer", posso agora afirmar que há coisas que podem não apenas ser conhecidas, mas ainda nas quais eu posso reconhecer-me, ou, mutatis mutandis, as quais posso reconhecer como uma especie de eu. Chamarei estas coisas especiais de "os outros". Como me reconheço no outro e como reconheço o outro? É uma atividade que chamarei de "conversaço" doravante. Os outros estão em conversaço comigo. Coexistem comigo conversando. A relação que me une aos outros tem estrutura diferente da relação que me une às coisas. Diante da coisa tudo atividade. Mas diante do outro sou parcialmente passivo. Sou de certa forma coisa do outro. Existo de certa forma em função do outro. O fato de ter eu reconhecido outros na minha situação, reflete sobre a minha forma de ser de maneira decisiva. Decifro a minha forma de ser doravante como um estar aqui para a morte em conversaço com outros. A relação que me une aos outros é tremendamente complexa. É talvez nessa análise que se encontrará a resposta autentica a primeira pergunta: "Porque não me mato?". Talvez não tenho sido portanto tão inautentico assim ao ter transferido a resposta. Numa palestra expositiva como esta não posso elaborar uma análise tão difícil. Direi apenas no presente contexto que a conversaço com os outros envolve o estudo da língua e de que, na minha opinião, o existencialismo deverá desembocar, em última análise, num estudo da língua. Também este ponto quero deixar bem claro logo no início deste curso.

É pois esta a análise superficial da situação na qual me encontro. Permitam que a recapitule condensando. Fui lançado para dentro de um meio chamado "minha situação" e estou aqui no seu centro. A situação consiste de coisas que estão ao meu alcance, e neste sentido a situação é meu futuro. Posso compreender e superar essas coisas, transformando-as em instrumentos. Este será o meu passado.

Não posso compreender e superar a morte, e estou portanto aqui para a morte. Na minha situação reconheço outros que coexistem comigo, e com os quais converso.

As coisas ao meu redor imediato despertam o meu interesse mais vivo, as coisas mais distantes despertam um interesse que diminui com a distancia do centro que sou eu. O mesmo se dá quanto ao meu interesse pelos outros. O interesse pretendo pelas galaxias é uma fuga, porque desvia a atenção das coisas imediatas.

É conversa fiada da gente. O mesmo se dá com o meu interesse pelos outros. O meu interesse pela sorte de quinhentos milhões de chineses é uma fuga, porque desvia o meu interesse autentico pelos tres ou quat o outros que são meus pró-

Inclusive no significado judeo-cristão desse termo. Toda es a grandiloquencia  
coit-disant "objetiva" é exatamente aquilo que o pensamento existencial se es-  
força por desmascarar para combatelo. E agora usei o termo decisivo. O exis-  
tencialismo é um decifrar do ser num entido de desmascaramento. É um pensamen-  
to desiludido en cheio de nojo de poses. Se consegui transmitir esta sensação  
aos senhores, terei alcançado a meta da presente palestra. Peço de considerar  
na discussão, a qual lhes convido agora, ue o conceito do projeto será o tema  
da próxima palestra, e não a ve ser ventilado hoje.